

O ESPETÁCULO POR TRÁS DO CANTEIRO DE OBRAS: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DOS PROJETOS DE REVITALIZAÇÃO NA CIDADE OLÍMPICA

CLARA LUISA OLIVEIRA SILVA

Mestre em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil.
Doutoranda em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil.
claralosilva@hotmail.com

LUIZ ALEX SILVA SARAIVA

Doutor em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil.
Professor adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil.
saraiva@face.ufmg.br

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar os discursos relacionados aos projetos de requalificação das cidades, buscando identificar as estratégias que legitimam (ou que pretendem legitimar) o processo de (re)produção do espaço urbano. Adotando uma abordagem qualitativa, foram problematizadas as obras de revitalização da região portuária da cidade do Rio de Janeiro, transformações estas que se fazem concretas nos ditos projetos de recuperação ou revitalização das cidades. Por meio da análise do discurso, buscou-se interpretar as construções discursivas que compõem parte do material secundário na forma de textos ou vídeos coletados nos sites oficiais do projeto. Os principais resultados sugerem a discussão da interdependência entre as categorias tempo e espaço, bem como as possibilidades para a “recuperação” e “comercialização” de memórias e identidades urbanas. Ademais, o estudo permite reflexões sobre o sentido de espaço urbano democrático e sobre a participação do Estado na (re)produção do espaço urbano.

Palavras-chave: cidades, discursos, produção do espaço urbano, revitalização urbana.

THE SPECTACLE BEHIND THE CONSTRUCTION SITE: DISCURSIVE STRATEGIES OF REVITALIZATION PROJECTS IN THE OLYMPIC CITY

Abstract

The goal of this paper is to analyze discourses related to cities' requalification projects, seeking to identify strategies which legitimize (or intend to legitimize) the (re)production process of urban space. Adopting a qualitative approach, the revitalization works of Rio de Janeiro's port region were problematized. Through discourse analysis, we sought to interpret discursive constructions that make up part of the secondary material in the form of texts or videos collected from the official project sites. The main results suggest the discussion of interdependence between the time and space categories, as well as possibilities for "recovering" and "commercialization" of urban memories and identities. In addition, this study allows reflections on the meaning of democratic urban space and about the state participation in the (re)production of the urban space.

Keywords: cities, discourses, urban space production, urban revitalization.

EL ESPECTÁCULO ATRAS DEL CANTERO DE OBRAS: ESTRATEGIAS DISCURSIVAS DE LOS PROYECTOS DE REVITALIZACIÓN EN LA CIUDAD OLÍMPICA

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar los discursos relacionados a los proyectos de recalificación de las ciudades, buscando identificar las estrategias que legitiman (o que pretenden legitimar) el proceso de (re) producción del espacio urbano. Adoptando un abordaje cualitativo, fueron problematizadas las obras de revitalización de la región portuaria de la ciudad de Río de Janeiro. Por medio del análisis del discurso, se buscó interpretar las construcciones discursivas que hacen parte del material secundario en la forma de textos o videos recolectados en los sitios oficiales del proyecto. Los principales resultados sugieren la discusión de la interdependencia entre las categorías tiempo y espacio, así como las posibilidades para la "recuperación" y "comercialización" de memorias e identidades urbanas. Además, el estudio permite reflexiones sobre el sentido del espacio urbano democrático y sobre la participación del Estado en la (re) producción del espacio urbano.

Palabras clave: ciudades, discursos, producción del espacio urbano, revitalización urbana.

INTRODUÇÃO

“As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa” (Calvino, 2002, p. 44). Essa afirmação de Ítalo Calvino mostra-se consoante ao referencial que, neste estudo, se adota a fim de refletir sobre o espaço urbano e determinadas sociabilidades ali engendradas.

Campo simbólico em que se travam lutas políticas, caracterizadas pelas tentativas de construção da hegemonia, de imposição de uma leitura em detrimento das inúmeras outras que surgem das relações entre os sujeitos (Sánchez, 2001), a cidade é lugar de articulação de interesses econômicos e tecnológicos, processo muito ligado ao fenômeno da chamada revalorização de determinados espaços urbanos considerados como fontes de investimento e exploração econômica e comercial (Barreira, 2003). No bojo deste contexto de revalorização, recuperação, requalificação e revitalização dos espaços urbanos, observado na maioria das cidades no Brasil e fora dele, abrem-se possibilidades de discussão e reflexão de fenômenos como a espetacularização da vida cotidiana (Debord, 1997), museificação e patrimonialização dos espaços (Jacques, 2005), o empresariamento urbano (Harvey, 1996) e consequente esvaziamento do sentido público dos espaços urbanos (Leite, 2002).

Isto posto, no presente artigo, o objetivo é analisar os discursos relacionados aos projetos de revitalização ou requalificação das cidades, buscando identificar as estratégias que legitimam (ou que pretendem legitimar) esse processo de (re)produção do espaço urbano. A proposta é refletir sobre as construções discursivas que perpassam as transformações do espaço urbano, transformações estas que se fazem concretas nos ditos projetos de recuperação ou revitalização das cidades.

O caso da cidade do Rio de Janeiro, especificamente o caso da realização das obras de revitalização da região portuária, foi nossa escolha a fim de cumprir o objetivo aqui delineado. De maneira mais precisa, optou-se pela análise do discurso específico de material secundário, na forma de textos ou vídeos disponibilizados nos sites Cidade Olímpica e Porto Maravilha.

De natureza qualitativa, este trabalho divide-se em cinco partes para além desta introdução. Na segunda parte, apresenta-se alguns aspectos sobre o referencial adotado para a “leitura” dos espaços urbanos. Na terceira parte, é empreendida uma discussão sobre a prática organizativa “recuperar”, na forma dos ditos projetos de revitalização urbana, e busca-se fazer uma reflexão sobre como esses projetos são inseridos numa lógica de pensar a espetacularização da vida nas cidades. As escolhas metodológicas que caracterizam este estudo são descritas na quarta parte. Em seguida, são tecidas reflexões acerca dos dados coletados neste trabalho. O fechamento do artigo se concretiza na parte em que são colocadas as considerações finais.

Destaca-se que o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos fundamentados nos preceitos da bibliometria, e considerando os eventos supracitados, permite identificar o que se produz sobre o assunto em ambientes de ampla discussão acadêmica (Araújo, 2006). Ademais, permite identificar quais áreas estão saturadas ou carecem um maior aprofundamento ou realização de novos estudos. Quando se trata da temática de “Educação Ambiental” e/ou “Educação para a Sustentabilidade”, pode-se reunir elementos que indiquem se o uso das terminologias supracitadas está adequado às definições propostas e traçar qual a base conceitual utilizada pelos pesquisadores da área.

A CIDADE E SUAS POSSIBILIDADES DISTINTAS DE LEITURAS

A cidade de asfalto é meu lar. Recebi a extremaunção já no princípio, assim como jornais, álcool, tabaco. E vou contente, desconfiado e indolente até o fim.

Bertolt Brecht

O mais triste da arquitetura moderna é a resistência do seu material. Havia, não me lembro agora se no País das Maravilhas, da Alice, ou se na Cidade de Oz, uma velha que morava num sapato... E nós que moramos em caixas de sapato! Esses tetos baixos me abafam... De modo que só resido em casas antigas. Acontece é que as casas velhas têm proprietários velhos, muito velhos aliás e por isso mesmo muito morredores. E seus herdeiros resolvem sempre vendê-las a construtores de edifícios. Resultado: há anos que venho me mudando: sou uma pobre vítima do surto do progresso e do clamor público.

Em todo caso, como vocês já devem ter reparado, é nessas épocas de mudança arquitetônica que se dá a maior instabilidade social e individual. E quando põem abaixo, então, a velha casa em que nascemos?!

Mário Quintana

Bertolt Brecht fala de uma cidade que, apesar de seus pontos negativos (o que fica evidenciado pelo sentido de condenação que enseja o léxico “extremaunção”), é a cidade que incorpora o “lar” de quem enuncia, sendo o “lar” um dos fundamentos para a construção da identidade do sujeito. Mário Quintana fala com certo saudosismo da cidade que ficou em outro tempo. Passado e presente, tradição e modernidade compõem o lamento de um sujeito que não vive e experiência a própria cidade como outrora. Em que pesem as diferenças dos estilos de escrita dos dois autores, o que está implícito em ambos os trechos de poemas é a maneira singular de o sujeito significar e ressignificar o espaço urbano, bem como se relacionar com a dinâmica ali construída socialmente.

Assim, concorda-se com Pesavento (2007) quando a autora diz que, para cada cidade, considerada em sua realidade concreta, visual, tátil, consumida e usada no cotidiano, existem inúmeras outras cidades imaginárias, construídas a partir do que entendemos ser um processo de ressignificar uma espécie de *ethos* urbano de ser (ou não) cidadão, de pertencer (ou não) a uma cidade.

A cidade, muito mais do que uma aglomeração de torres, edifícios, praças e mercados, é um campo simbólico em que se travam lutas políticas, caracterizadas pelas tentativas de construção da hegemonia, de imposição de uma leitura em detrimento das inúmeras outras que surgem das relações entre os sujeitos daquele espaço social. Ainda, importante conceber o fato de que essas lutas que se dão no campo simbólico cidadão não se configuram como meras expressões das relações de poder; essas lutas atuam no campo das práticas e as reelaboram num processo contínuo, processo este fundamentado em estratégias discursivas. Nesta perspectiva, “... desconstruir leituras e discursos do espaço é interpelar seu léxico, seu padrão argumentativo” (Sánchez, 2001, p.34).

Na Administração, a cidade como objeto de estudo pode ser “lida” a partir de pressupostos funcionalistas que inserem o espaço urbano numa ótica de controle e instrumentalização, a qual substancia as ditas práticas de gestão. Em que pesem as diferenças de “tamanho”, o pensamento colocado em voga na maioria dos estudos de gestão urbana é que as cidades são geridas tal qual as organizações privadas ou públicas. Para além dessa perspectiva de “cidade-organização”, que contribui para a reificação do espaço urbano, são feitos estudos que admitem uma visão simbólica das cidades (Fischer, 1997; Mac-Allister, 2001; Saraiva, 2009), abrindo, por conseguinte, possibilidades distintas e complementares de compreensão das sociabilidades que se formam nesses contextos.

Mas, para o propósito neste estudo definido, qual o nosso referencial de leitura do espaço urbano?

Em primeiro lugar, a cidade se configura como ação do homem sobre a natureza, é materialidade (obra ou artefato) construída pelo homem, é um “outro” da natureza. A cidade, em outro nível de análise, é sociabilidade na medida em que a ação do homem para a transformação da natureza e a construção da dita concretude do espaço se viabiliza a partir da mediação de aspectos que se diferenciam dependendo dos sujeitos envolvidos, dos grupos, classes a que pertencem. A cidade é ainda sensibilidade, isso porque é construída, em grande medida, a partir da capacidade dos sujeitos de atribuição de significados ao mundo. As esperanças, os desejos, os medos, isto é, as percepções e os sentimentos dos sujeitos em relação ao viver urbano, são aspectos que concorrem, sobretudo, para a produção e reprodução da cidade, da minha cidade, da cidade de Brecht, da cidade de Quintana, da cidade do outro (Pesavento, 2007).

Ponto de interseção de interesses dos poderes público e privado locais, nacionais e transnacionais, lugar da ordem e da desordem, da solidariedade e do conflito, de cidadania e marginalidade, a cidade é *locus* de (re)construção de identidades e de identificações, é objeto da produção de imagens e discursos (Fischer, 1997; Pesavento, 2007), e é exatamente sobre alguns aspectos implicados nessa produção de imagens e discursos que discutiremos na próxima seção.

A RECUPERAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: NOTAS SOBRE OS JOGOS DE CENA DE UM ESPETÁCULO REINVENTADO NAS E SOBRE AS CIDADES

A cidade também é lugar de articulação de interesses econômicos e tecnológicos, processo muito ligado ao fenômeno da chamada revalorização de determinados espaços urbanos considerados como fontes de investimento e exploração econômica e comercial (Barreira, 2003). Esse dito fenômeno da revalorização, recuperação, requalificação, revitalização dos espaços urbanos, observado na maioria das cidades no Brasil e fora dele, é um fenômeno que pode ser associado, de certa forma, ao contexto de crescente e intensa espetacularização da vida, isto é, tudo que era vivido, as experiências, as vivências dos sujeitos e entre os sujeitos tornam-se representação. Nessa acepção de Debord (1997), o espetáculo não se constitui apenas como um amontoado de imagens, mas apresenta-se como sendo muito mais uma relação social mediada pelas imagens.

Decorrente desses pressupostos, falamos, de maneira mais explícita, da espetacularização das cidades, cuja origem está encerrada, primariamente, na diminuição da participação popular e também da própria experiência física urbana como prática cotidiana, estética ou artística (Jacques, 2005). Nesse contexto, um dos objetivos precípuos seria, basicamente, “... adequar as cidades às demandas e aos fluxos internacionais de turismo e consumo urbano” (Leite, 2002, p. 115), o que acaba provocando a museificação e patrimonialização dos espaços, muitas vezes, na intenção clara ou mesmo velada de transformar a cidade em uma espécie de “parque temático” delineado a partir de um modelo internacional de cunho homogeneizador, modelo este que enxerga, principalmente, o turista internacional e não o habitante local (Jacques, 2005). E é aí que repousa o caráter segregador e socialmente asséptico dessas intervenções urbanas que, por outro lado, contribuem para o que Leite (2002) chama de esvaziamento do sentido público dos espaços urbanos.

No jogo que demarca os interesses de agentes públicos e privados locais, nacionais e internacionais, as estratégias discursivas se referem aos aspectos implicados na produção e reprodução de uma “cidade-modelo”, edificada sob um emaranhado de imagens-síntese oficiais, mais precisamente, aquelas imagens que se pretendem dominantes nas práticas de organizar a cidade de modo a torná-la simbolicamente eficiente e, portanto, pronta para ser vendida, e alavancar as engrenagens de inúmeros mercados, entre os quais, o mercado imobiliário, o mercado de consumo, o mercado de turismo, o mercado das chamadas “boas práticas”, o mercado de consultoria em planejamento e políticas públicas (Sánchez, 2001).

“O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido” (Debord, 1997, p. 28). Esse aforismo de Debord (1997) explica, em grande medida, a transformação das cidades em mercadoria e o consequente uso das estratégias de marketing, refletidas, na maioria das vezes, nos discursos de projetos de revitalização de determinados espaços urbanos. É o que se nomeia como *citymarketing*, ou ainda o que se considera como o discurso empreendedor a serviço da reestruturação urbana (Sánchez, Bienenstein, Canto, Guterman, Benecdito, & Picinatto, 2004), na perspectiva de construir uma imagem para a cidade que seja capaz de garantir sua participação na geopolítica das redes internacionais ou no “mapa do mundo”, nesse caso, do mundo do espetáculo (Jacques, 2005; Sánchez et al., 2004).

Delineia-se, assim, a lógica do empresariamento urbano, isto é, uma competição interubana por recursos diversos, seja na forma de capital, empregos etc. (Harvey, 1996). E, neste contexto, sinergias, competitividade, parcerias, sustentabilidade (ambiental e financeira), pertencimento, cidadania, eficiência, planejamento estratégico são as palavras ou expressões usadas a fim de conformarem o plano discursivo associado à maioria dos projetos de recuperação ou revitalização urbana (Sánchez et al., 2004). Além disso, os discursos que justificam e legitimam tais ações são discursos perpassados pela alusão às diferentes temporalidades. No geral, o conjunto de intervenções busca viabilizar uma espécie de diálogo entre passado e presente, numa intenção de evocar um tempo mítico, retido numa memória longínqua, e materializá-lo num “monumento” objetivo de referência com projeções de consumo definidas. Os processos de reestruturação urbana calcados no discurso da modernização aparecem, concomitantemente, associados aos investimentos materiais e simbólicos que se fazem em torno da manutenção e restauração dos espaços e ditos equipamentos urbanos (Barreira, 2003).

(PARA ALÉM DAS) ESCOLHAS METODOLÓGICAS

O entendimento de que o pensamento e a ação dos sujeitos é que conformam a vida cotidiana, isto é, que a realidade é socialmente construída (Berger & Luckmann, 2004), e de que tais processos sociais podem ser interpretados sob uma lógica de produção e reprodução de signos (Godoi, 2006), envolve dois pressupostos que contribuem para destacar a centralidade do discurso não apenas como opção metodológica, mas também como um conceito que auxilia na reflexão teórica sobre as sociabilidades no contexto urbano.

De início, é preciso reconhecer que a linguagem não se restringe ao chamado “conteúdo”, ou o que se escreve ou fala sobre determinado objeto ou sujeito. Interessa pensar a linguagem como um “contexto” ou uma forma de (re)contextualizar o conteúdo, ou (Boje, Oswick & Ford, 2004). Linguagem é, na instância dos discursos, modo de interação, modo de produção social e, portanto, lugar da manifestação da ideologia (Brandão, 2002).

Seguindo este raciocínio, um discurso não se confunde com uma mera estrutura ordenada de palavras percebida em seu sentido mais raso e utilitário de mais um meio de comunicação. Os discursos são produzidos nas e pelas ações de sujeitos situados em contextos sócio-históricos específicos, contextos demarcados por relações ideológicas e de poder que permitem a compreensão de muitos aspectos envolvidos em processos culturais, socioeconômicos e políticos quando se trata das possibilidades de interação entre os sujeitos (Chizzotti, 2011).

O discurso pode ser considerado “um recurso estratégico” utilizado pelos sujeitos em suas tentativas de impor suas intenções (Hardy, Palmer, & Phillips, 2000). Neste nível de análise, pode-se admitir a estreita relação entre discurso e os conceitos de poder e saber. Mais precisamente, em um contexto em que as relações de poder se mostram capilarizadas por todo o tecido social, os sujeitos organizam suas experiências na realidade social por meio de práticas discursivas que orientam a emergência dos chamados “efeitos de verdade” no espaço social, isto é, aquilo que é correto ou não, o que é considerado conhecimento ou não (Foucault, 2002; Foucault, 2004). Desse modo, por meio das

práticas discursivas, compreender-se-á a produção de sentidos que se desenvolve na dinâmica das relações sociais historicamente constituídas e culturalmente localizadas (Spink & Medrado, 1999).

Neste estudo, que assume abordagem qualitativa, a escolha da técnica de análise do discurso se fundamenta nesses pressupostos que, em maior ou menor grau, permitem refletir sobre semelhante técnica como recurso metodológico que ultrapassa a possibilidade de análise técnica linguística do texto em si, abrindo caminhos para uma análise sociológica ou psicológica do seu contexto. É um instrumento que "... visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social" (Maingueneau, 1998, p. 13).

O caso da cidade do Rio de Janeiro, especificamente o caso da realização das obras de revitalização da região portuária, foi nossa escolha a fim de cumprir o objetivo que deu origem a este artigo, qual seja: analisar os discursos relacionados aos projetos de revitalização ou requalificação das cidades, buscando identificar as estratégias que legitimam (ou que pretendem legitimar) esse processo de (re)produção do espaço urbano.

Adotando uma abordagem qualitativa, optou-se pela análise do discurso específico de material secundário, na forma de textos ou vídeos disponibilizados nos sites Cidade Olímpica e Porto Maravilha. Foi selecionado nesses sítios eletrônicos o material relacionado ao projeto de revitalização da região portuária do Rio de Janeiro e, no caso dos vídeos, foi feita a transcrição das falas neles contidas. Ao material transcrito, foram empregadas estratégias discursivas específicas, quais sejam: análise lexical (tipo de vocabulário), (ii) identificação dos temas e figuras (explícitos e implícitos), (iii) identificação dos principais percursos semânticos estruturados a partir dos temas e figuras, (iv) identificação dos aspectos interdiscursivos, (v) identificação dos aspectos da sintaxe discursiva, (vi) identificação dos aspectos refletidos e refratados nos discursos, (vii) identificação das condições de produção dos discursos, (viii) identificação dos principais discursos presentes no texto, (ix) identificação dos aspectos ideológicos defendidos e combatidos nos discursos e (x) identificação da posição do discurso hegemônico em cada um dos textos em relação aos discursos hegemônicos na sociedade em que eles se situam.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, são apresentadas as interpretações dos fragmentos discursivos obtidos quando do processo de coleta dos dados. O relato se divide em três partes, sendo que, na primeira, buscou-se privilegiar as construções discursivas que faziam alusão a uma espécie de descrição das obras que constituem o projeto de revitalização da região portuária do Rio de Janeiro. Na segunda parte, são expostos fragmentos discursivos que permitem a problematização das relações entre as categorias de espaço e tempo. Na última parte desta seção, é tecida uma discussão sobre o fenômeno da crescente mercantilização dos modos de ser e viver na cidade.

O projeto, as obras

No fragmento discursivo (001), apresenta-se uma espécie de descrição das obras que estão sendo realizadas na região portuária da cidade do Rio de Janeiro.

(001) É um projeto de requalificação urbana que promove o reencontro da Região Portuária com a cidade, lançando um novo padrão de qualidade de vida no Rio de Janeiro. O Porto Maravilha está recuperando a infraestrutura urbana, o transporte, o meio ambiente, os patrimônios histórico e cultural, além de melhorar as condições habitacionais da região. Construído no início dos anos 50 com o objetivo de ligar as zonas Norte e Sul, o Elevado da Perimetral mostrava sinais de saturação. A demolição é a chave do novo sistema viário do Porto Maravilha, acabando com a imagem de um local de passagem, que marcou a Região Portuária. A derrubada está abrindo caminho para o resgate do patrimônio histórico e arqueológico da área, da qualidade de vida dos moradores do local e da cidade como um todo. A obra contempla o conceito de sustentabilidade, reciclando o concreto, reutilizando-

o na pavimentação de ruas e calçadas. ... Ao final do processo, em 2016, o Porto do Rio será referência mundial em cultura, lazer e qualidade de vida (Cidade Olímpica, 2014).

Os temas da “mudança” (a partir de “novo”), da “eficiência” (a partir de “padrão”, “projeto”, “processo”), da “requalificação urbana”, da “qualidade de vida”, da “história”, da “sustentabilidade”, aliados, ajudam a conformar o discurso principal do bem-estar social. Precisamente, as obras na região portuária são colocadas como promessa de melhoria das condições de vida, de oferta e manutenção dos equipamentos relacionados aos serviços públicos. O discurso da gestão urbana emerge a partir dos léxicos “projeto”, “padrão” e “processo”, na medida em que o implícito pressuposto a partir do seu uso é de controle das variáveis e, no caso, controle do que se pretende viabilizar naquela região da cidade. Pela seleção lexical “... o Porto do Rio será referência mundial em cultura, lazer e qualidade de vida” faz-se referência ao discurso da globalização, isto é, da produção e consumo em escala mundial, sendo que aqui no fragmento, essa produção e esse consumo se referem aos espaços urbanos, o que se mostra bem alinhado àquela perspectiva das ditas cidades-modelo apontada por Sánchez (2001).

Fazendo uso da figura de linguagem de “comparação”, o enunciador do fragmento discursivo (002) reforça esse aspecto alusivo ao processo de modelização das cidades. Uma obra realizada na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, é citada na forma da figura “Embarcadero”. Semelhante figura aparece associada aos temas do “exemplo” (daquilo que seria considerado o modelo) e do “desenvolvimento”. Procura-se legitimar as obras realizadas na cidade do Rio de Janeiro a partir da experiência que se teve em outro contexto urbano.

(002) O Embarcadero, em São Francisco, é o exemplo perfeito do que eu acho que esse projeto pode ser no Rio. Quando aquele elevado veio abaixo, toda aquela parte da orla da baía de São Francisco se conectou à cidade. Tudo foi orientado em função dos pedestres e do transporte público. Agora você tem todo esse desenvolvimento da região que cria essa experiência para as pessoas e eu realmente acho que o projeto do Porto vai fazer exatamente o mesmo pelo Rio de Janeiro.

Parceira público-privada

Acho que sempre que você consegue uma PPP (Parceria Público-Privada) é um benefício para a sua cidade porque essas companhias que investem querem um retorno, então eles vão fazer tudo da maneira certa para conseguir esse retorno. Eles sabem que se tudo for feito direito e esse projeto atrair as pessoas, naturalmente a região vai se desenvolver dando mais suporte a esses bairros (PORTO SERÁ O NOVO CORAÇÃO DO RIO, DIZ MICKEY JACOB).

Ademais, refletindo sobre o fenômeno de empresariamento urbano (Harvey, 1996), o enunciador do fragmento discursivo (003) constrói o discurso de gestão a partir dos temas da “parceria público-privada” e do lucro (a partir de “retorno”). O suposto “benefício” oriundo da realização dessas parcerias trata de um aspecto refratado pelo enunciador na medida em que este procura deixar clara a atuação, convencionalmente, considerada “correta” das organizações envolvidas (“Acho que sempre que você consegue uma PPP (Parceria Público-Privada) é um benefício para a sua cidade porque essas companhias que investem querem um retorno, então eles vão fazer tudo da maneira certa para conseguir esse retorno”).

Modernizando o passado

Os temas da “mudança” ou “transformação” (a partir dos léxicos “nova”, “desaparece”, “ressurja”), do “futuro”, do “passado”, do “moderno”, da “sustentabilidade” (a partir do léxico “sustentável”) compõem o fragmento discursivo (003).

(003) A nova região portuária surge como símbolo de um Rio que volta os olhos para o futuro, sem esquecer o passado.

A perimetral aos poucos desaparece para que o Rio histórico ressurgira com as suas riquezas naturais e culturas.

... Ao lado da cidade histórica, nasce um Rio moderno e sustentável, comprometido com o pedestre, o ciclista e o passageiro de transporte coletivo.

... Nós, cariocas, estamos redescobrimo o Rio aqui, onde nossa história começou. (O RENASCIMENTO DO PORTO)

Quem enuncia percorre diferentes temporalidades na e da cidade do Rio de Janeiro. O tema do “passado” relaciona-se com o discurso da tradição, que chama para o resgate de determinadas sociabilidades em seus aspectos simbólicos ou mais concretos. Isso fica evidenciado na seleção lexical seguinte: “... para que o Rio histórico ressurgja com as suas riquezas naturais e culturais”. Implícita aqui está uma nostalgia do que a cidade não é mais, nostalgia de um tempo vivido ou (re)contado.

Constituindo as bases do discurso do desenvolvimento estão os temas do “futuro”, “moderno” e “sustentável”. As figuras do “pedestre”, “ciclista” e “passageiro de transporte coletivo” são inseridas numa ótica de representação dos usos desse espaço urbano e, principalmente, moderno que se viabiliza a partir da realização das obras na região portuária.

Tal como no enunciado (003), o discurso da tradição também aparece no fragmento (004). O tema da “origem” (a partir do léxico “início”) fornece uma concepção de memória referente a um acontecimento importante para a dinâmica social do Rio de Janeiro em um determinado período. A seleção lexical “Então a gente tem aqui nos galpões da Gamboa o início do porto. A ideia de porto, o conceito de porto surge aqui.” é alusiva a esse respeito.

Outro discurso que aparece no fragmento (004) é o discurso do controle. Controle do processo de trabalho do sujeito que restaura, controle este feito pela manipulação das percepções que os sujeitos têm a respeito do trabalho ali realizado. Isso fica claro a partir da seleção lexical: “Você tem que criar no operário a importância do restauro. Contar os fatos históricos, informar como que foi feito, qual é a filosofia, qual é a ideia e dar a ele a importância de restaurador”.

(004) Subsecretário municipal de patrimônio cultural: ... Então a gente tem aqui nos galpões da Gamboa o início do porto. A ideia de porto, o conceito de porto surge aqui. Estamos recuperando os dois galpões. Cada galpão tem 3500 metros quadrados. ...

Engenheiro civil: Você tem que criar no operário a importância do restauro. Contar os fatos históricos, informar como que foi feito, qual é a filosofia, qual é a ideia e dar a ele a importância de restaurador. Um tijolo retirado do entulho ele é mais importante do que um tijolo novo, ele tem coisas gravadas, a própria cor, é impossível você reproduzir hoje exatamente como era ...

Engenheiro civil: Esses vagões não são contemporâneos do galpão. São de 1953. Estruturalmente, eles estavam condenados. A gente teve que realinhar o vagão todo e agora vamos recompor o piso sobre as instalações elétricas para o uso de lan house, no caso. E ali uma lancheria, um local para lanche de pequeno porte ...

Subsecretário municipal de patrimônio cultural: O projeto do porto maravilha, um aspecto muito importante foi o fato de simplesmente união, poder do estado e município poderem sentar a mesa e tomar uma decisão em prol da cidade ... (GALPÕES ANTIGOS SÃO REVITALIZADOS NA GAMBOA)

O discurso governista se faz presente quando da menção da parceria entre as esferas municipal, estadual e federal dos governos para o planejamento e implementação do projeto de revitalização na zona portuária do Rio de Janeiro. Implícitamente na seleção lexical “O projeto do porto maravilha, um aspecto muito importante foi o fato de simplesmente união, poder do estado e município poderem sentar a mesa e tomar uma decisão em prol da cidade ...” está a alusão a uma espécie de dificuldade no que tange à integração dos processos de governabilidade quando se trata da gestão pública nas três esferas do governo. Quem enuncia fala a respeito dessa integração como se fosse algo que deva ser tratado com certo ineditismo nesse contexto.

O urbano como negócio

No fragmento (005), por meio do discurso de participação, a enunciadora tenta legitimar o projeto de transformação urbana na região portuária. As figuras do “povo” e do “morador” orientariam, a

priori, esses projetos de revitalização. No entanto, o discurso que prevalece é o do consumo, discurso este construído a partir de figuras como “turista”, “Cristo” (numa alusão ao Cristo Redentor, um dos principais pontos turísticos da cidade), “Pão de Açúcar”, “atrações culturais”, “restaurantes”, “gastronomia”, “galerias de arte”, “bar-galerias”, e a partir de temas como “turismo”, “entretenimento”. A mercantilização espetacular dos espaços urbanos, fenômeno este destacado aqui por Jacques (2005), fica evidente na seleção lexical: “... o turista retomando esse espaço. Ele pode até abrir mão de ir ao Cristo, ao Pão de Açúcar que ele vai estar bem servido de atrações culturais, restaurantes, gastronomia, galerias de arte, bar-galerias que já estão abertos em funcionamento. A criação de museus de arte como é o Museu de Arte do Rio, Museu do Amanhã também que vai ser aberto daqui a pouco, e que vão prender esse turista aqui também nessa área”.

(005) Historiadora: Quando começou a construção da Perimetral houve uma campanha contra essa construção. A Praça Mauá ela entrou em decadência na década de 50 é muito pela construção também dessa Perimetral. O povo perdeu esse espaço.

Taxista: Como você vê essa situação da queda, o que é favorável, como era antes?

Historiadora: Na minha opinião, eu vejo de forma positiva. É bom para o morador do Rio que vai voltar a ocupar essa área, que vai utilizar essa área como uma área de lazer. A gente vai ver o turista retomando esse espaço. Ele pode até abrir mão de ir ao Cristo, ao Pão de Açúcar que ele vai estar bem servido de atrações culturais, restaurantes, gastronomia, galerias de arte, bar-galerias que já estão abertos em funcionamento. A criação de museus de arte como é o Museu de Arte do Rio, Museu do Amanhã também que vai ser aberto daqui a pouco, e que vão prender esse turista aqui também nessa área.

O carioca precisa usar mais o transporte público, utilizar esse espaço urbano para caminhadas, a gente vai ter um grande bulevar. As grandes cidades desenvolvidas por aí a fora, o morador ele é estimulado a utilizar o transporte público e a gente precisa fazer isso aqui no centro do Rio também. Você devolver a mobilidade urbana nesse espaço para o morador da cidade eu acho muito importante ... (APÓS A DEGRADAÇÃO, A ESPERANÇA PARA O PORTO)

No fragmento discursivo (006), os principais temas são “tecnologia”, “avanço”, “velho” (a partir do léxico “antiga”), “modernidade” e “eficiência”, sendo que as figuras que se sobressaem no fragmento são “infraestrutura” e “empresas”.

(006) Diretor de Operações da CDURP: Hoje as telecomunicações da região são todas elas relegadas vamos dizer assim. É uma rede metálica, muito antiga e mesmo a que é nova é feita com uma tecnologia muito antiga e com uma capacidade muito baixa.

O subsolo aqui da área ele tá sendo reorganizado na medida em que todas as redes de infraestrutura estão sendo refeitas e como as redes aéreas, tanto de energia elétrica quanto de telecomunicações serão enterradas, nós fizemos o projeto de uma galeria de redes, de dutos de telecomunicações modernas e suficientes para a utilização de uma tecnologia mais avançada. Nós vamos ter uma rede toda ela de fibra óptica, a gente tá colocando como sendo limite de 1 gigabyte, mas, na realidade, pode chegar a mais que 1 gigabyte. Empresas, principalmente ligadas a óleo e gás que terão todo interesse de se estabelecer aqui, elas necessitam de uma capacidade de transmissão de dados muito grande, muito elevada. E hoje em dia, essa capacidade, no Brasil inteiro, não existe. Representa um avanço extraordinário né. (PORTO SERÁ REGIÃO DE EXCELÊNCIA EM CONEXÃO DIGITAL)

O discurso apresentado é o do interesse privado quando se trata do uso daquele espaço urbano. Mais precisamente, procura-se viabilizar toda uma estrutura com recursos dos mais modernos e de primeira para atender, em primeiro lugar, às necessidades das “empresas de óleo e gás”. Neste ponto, a reprodução do que Leite (2002) nomeou de esvaziamento do sentido público dos espaços urbanos.

Os temas do “crescimento”, do “turismo”, do “comércio”, do “lazer”, da “cultura”, do “capital” (a partir dos léxicos “empreendimento”, “investidores”), “economia” (a partir da expressão “dinamismo econômico”) e figuras como “restaurante”, “hostel”, “hotel menor”, “emprego” conformam o fragmento discursivo (007), a seguir:

(007) Diretor de incorporação da Odebrecht: A região do Porto hoje é o grande vetor de crescimento da cidade. Com toda obra de infraestrutura que está acontecendo na região, aquilo se tornou um pólo de atração turística, comercial, de lazer e de cultura né. A área do porto hoje ela está virando então o pólo do futuro.

Diretor administrativo e de finanças da CDURP: O porto maravilha está localizado no centro do Rio de Janeiro. Grandes empresas que precisam de locais para se instalarem estão encontrando infraestrutura necessária e um ambiente necessário para que elas possam instalar suas unidades e ali criarem um ambiente de convivência. É onde as pessoas vão além de trabalhar, morar.

Diretor de incorporação da Odebrecht: ... Quando surgiu o projeto do porto maravilha né a gente começou estudar e analisar e buscou alguma coisa que a gente pudesse criar mais do que um empreendimento, mas que a gente pudesse criar um destino. Ele é um projeto que ele consegue trazer vida própria pra região....

Diretor administrativo e de finanças da CDURP: É natural que você tenha os grandes investidores, e natural que você tenha coisas pequenas acontecendo pra atender serviços naquela localidade. Então você atrai o restaurante, você também atrai o hostel, o hotel menor. ...

Diretor administrativo e de finanças da CDURP: A cidade ganha com geração de emprego, resgata uma parte do centro da cidade, tanto do ponto de vista da sua história quanto do ponto de vista do dinamismo econômico, além de você transformar um novo conceito de centro, de pessoas poderem morar no centro da cidade do Rio de Janeiro. (INVESTIMENTOS ATRAEM NOVAS EMPRESAS PARA O PORTO).

O discurso enunciado é o do consumo na medida em que evidencia, em um nível, a relação, essencialmente, comercial que caracteriza o uso que as pessoas fazem e farão do espaço da região portuária: “Com toda obra de infraestrutura que está acontecendo na região, aquilo se tornou um pólo de atração turística, comercial, de lazer e de cultura né”.

A tentativa de produção e reprodução de um contexto espetacular, bem como das sociabilidades dos sujeitos, se reflete no discurso do controle (ou de um pretense controle): “... a gente começou estudar e analisar e buscou alguma coisa que a gente pudesse criar mais do que um empreendimento, mas que a gente pudesse criar um destino”.

O discurso da requalificação se configura a partir da menção ao processo de transformação do centro da cidade. Na seleção lexical “... além de você transformar um novo conceito de centro, de pessoas poderem morar no centro da cidade do Rio de Janeiro”, está implícita a ideia de centro degradado, violento e ocupado por pessoas indesejáveis.

No fragmento (008), o percurso semântico é o do entretenimento:

(008) Engenheiro Mecânico: Eu moro na Lagoa, zona sul do rio. Venho pra essa região, região portuária para encontrar os amigos, rever, botar o papo em dia, é claro, tomar uma cerveja gelada, e curtir o samba, o ambiente é muito bom aqui.

Administradora: A revitalização é de suma importância para nós moradores porque veio trazer uma tranquilidade. Eu tenho amigos que falam que o que é bom da minha casa é o quintal da minha casa que é toda essa área de cultura, de lazer.

Professor: Essa revitalização trouxe ânimo para o comércio, para a economia local, para os projetos culturais. É bom você ver aqui gerações e gerações de pessoas que moram, trabalham e estudam aqui, co-habitando conosco. Eu adoro a região.

Assistente financeiro: Gostei muito de tudo isso que foi feito aqui. Ter mudando a mão da rua foi importante, foi interessante. Fica mais fácil de chegar de carro, de ônibus, de táxi, do jeito que for. E assim, em questão de visual, está sendo sensacional. É o legado positivo.

Sócio-proprietário do bar: Essa revitalização trouxe uma cara nova aqui pra região. Pavimentação das ruas, iluminação, tudo isso está trazendo, atraindo mais pessoas para a região. É devido à derrubada da Perimetral deu uma outra cara para a vida noturna aqui do bairro e acho que a cada dia que passa está ficando mais e mais interessante.

Sócio-proprietário do restaurante: Os clientes vem aqui hoje com muita felicidade, com garantia de que vão se divertir, sabe. Tinha uma desorganização urbana muito grande. Hoje em dia tem uma área de lixo mesmo que é embutido no chão, que o pessoal joga o lixo ali,

não fica aquela coisa exposta. O happy hour é aqui agora né. As pessoas vem pra cá e estendem, ficam aqui até a noite pela infra-estrutura que o negócio gerou. E isso a revitalização faz muito parte disso. (A REVITALIZADA VIDA NOTURNA NA REGIÃO PORTUÁRIA)

“Cerveja”, “samba”, “amigos”, “clientes”, “vida noturna”, “happy-hour” são figuras discursivas que, juntamente, como os temas da “cultura”, do “lazer”, “do comércio”, da “economia local”, do “negócio” conformam o discurso do consumo. A relação com aquele espaço urbano é marcada pelo caráter temporário das relações de consumo. O sujeito mora em outra região da cidade e se desloca para aquele espaço com objetivos imediatistas: “Eu moro na Lagoa, zona sul do rio. Venho pra essa região, região portuária para encontrar os amigos, rever, botar o papo em dia, é claro, tomar uma cerveja gelada, e curtir o samba ...”.

As seleções lexicais “A revitalização é de suma importância para nós moradores porque veio trazer uma tranquilidade ...” e “Tinha uma desorganização urbana muito grande ...” sugerem o discurso da higiene no contexto dos espaços urbanos, de limpeza de aspectos concretos (léxico “lixo” que aparece logo a seguir no trecho discursivo) e sociais, sendo este último a expulsão dos sujeitos ‘desagradáveis’ daquele espaço.

As representações do que o enunciador considera como relacionadas ao centro da cidade do Rio de Janeiro são apresentadas neste fragmento discursivo (009):

(009) Todo centro ele tem muita história, e ele nessa história tem muita beleza na sua arquitetura. Enfim, no que ele tem pra agregar para a cidade.

Meu nome é André Almada, sou paulista, na verdade do interior de São Paulo. O início foi em 2004, no atual espaço da The Week em São Paulo. Aí depois de três anos que veio então a ideia de abrir no Rio de Janeiro. Quando eu cheguei aqui, a primeira impressão que eu tive foi que será que eu to fazendo a coisa certa?!

As pessoas, elas nunca viam o centro como um espaço pra se fazer alguma coisa. Porque ele é degradado, porque é feio, porque é pobre, e porque não tinha nenhum tipo de glamour o centro do RJ.

Essa área ela tem um potencial imenso, de turismo, de negócio, de geração de empregos e acima de tudo de orgulho pra cidade.

O prédio da The Week é estilo palacete do século XX. O imóvel é tombado, então a gente teve que revitalizar a parte da fachada dele. É muito gratificante pra gente de poder ser um grãozinho de areia no meio disso tudo.

O Rio de Janeiro é uma vitrine para o mundo, ainda mais agora como negócio, copa e olimpíada, os investimentos acabam, obviamente, vindo pra cá. (THE WEEK APOSTOU NO PORTO DO RIO NO MOMENTO CERTO)

Num primeiro momento, o enunciador procura estabelecer o “centro” como lugar de história, como lugar que remete a uma temporalidade passada (“Todo centro ele tem muita história ...”). Por seu turno, a concepção de “decadência do centro” fica clara na seleção lexical, a saber: “As pessoas, elas nunca viam o centro como um espaço pra se fazer alguma coisa. Porque ele é degradado, porque é feio, porque é pobre, e porque não tinha nenhum tipo de glamour o centro do RJ”. Nesse sentido, o projeto de revitalização se configuraria como uma perspectiva de resgate daquela região central.

Os discursos do consumo e do interesse privado são constituídos a partir do arranjo de temas como “turismo”, “negócio”, “empregos”, “vitrine” e “investimentos”. A ideia da atração de investimentos e da mercantilização no e do espaço parece ser enunciada como acontecimentos que assumem valor significativo para todos os sujeitos na cidade e não apenas para um grupo específico de sujeitos, no caso, o grupo de empresários, grupo ao qual o enunciador pertence. Quando ele diz “orgulho pra cidade”, ele procura estender para todos no espaço urbano um sentimento que ele (ou os sujeitos do grupo ao qual pertence) tem em relação às consequências trazidas pelo projeto de revitalização da região central da cidade do Rio de Janeiro.

O sentido espetacular que se confere ao espaço fica implícito quando o enunciador faz uso do léxico “vitrine”. Assim, a cidade, ao ser ainda mais exposta ao mundo na oportunidade de realização de eventos como a Copa do Mundo e Olimpíadas, fica mais próxima das possibilidades de ganhos financeiros. Aqui, fica claro que a produção e a reprodução daquele espaço se justificam pelo capital e, principalmente, obedece aos imperativos do mercado de consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, o objetivo foi analisar os discursos relacionados aos projetos de revitalização ou requalificação das cidades, buscando identificar as estratégias que legitimam (ou que pretendem legitimar) esse processo de (re)produção do espaço urbano. Assumindo a perspectiva de refletir sobre as construções discursivas que perpassam as transformações do espaço urbano, foi escolhido o caso da cidade do Rio de Janeiro, especificamente o da realização das obras de revitalização da região portuária. Realizou-se a análise do discurso específico de material secundário, na forma de textos ou vídeos disponibilizados nos sites Cidade Olímpica e Porto Maravilha.

Em primeiro lugar, é preciso considerar o esforço discursivo empregado na disseminação de argumentos que legitimam as práticas de revitalização em determinados espaços da cidade do Rio de Janeiro. Tais argumentos são construídos baseados em aspectos ideológicos, imagéticos e estéticos que se originam das relações de poder estabelecidas na sociedade, o que chama para a consideração da existência das múltiplas representações da cidade.

Os discursos comportam representações da cidade como um emaranhado de sucessivas temporalidades acumuladas no espaço. Aqui, a interdependência entre as categorias tempo e espaço abre possibilidades para a “recuperação” de memórias e identidades. Precisamente, o resgate ao passado da cidade é feito de maneira a evocar e preservar as imagens e discursos que interessam e que concorrem para a formação de uma dita identidade urbana ou mesmo um sentido de pertencimento àquele espaço social. Muitas vezes, na (re)produção intencional do espaço, esse interesse pelo resgate de memórias pretende dar um sentido de vida coletiva a projetos que, na maioria das vezes, correspondem aos objetivos de apenas um grupo restrito de pessoas. Nesta perspectiva, fala-se de uma dita “memória autorizada” ou “memória seletiva”, isto é, procura-se revitalizar os espaços que permitem determinados tipos de sociabilidades, estas, em sua maioria, relacionadas às práticas sociais de consumo. Além da relação com o passado, o tempo presente alude à promessa de um futuro em que as configurações espaciais deixam explícita a ideia de modernidade, mas que implicitamente sustentam uma estrutura de desigualdades sociais.

Outra reflexão que os resultados do artigo permitem depreender é a predominância de uma visão de cidade como espaço da intensificação das atividades produtivas, do progresso tecnológico, dos investimentos financeiros, ou, em outras palavras, a cidade se consolida como parte importante do processo de reprodução da acumulação capitalista. Todavia, de palco para o desenvolvimento de negócios, a cidade se torna o próprio negócio. Os espaços são construídos a partir de uma lógica empresarial-produtiva baseada, portanto, nas taxas de rentabilidade e nos movimentos provocados pelo fenômeno da especulação imobiliária.

Nesse contexto, a cidade é destituída do seu sentido democrático, de espaço para todos, haja vista que nem todos os sujeitos possuem acesso ao conjunto de experiências dessa cidade espetacular, o que acaba por reforçar um padrão de desigualdade social traduzido em grandes distâncias geográficas, sociais e econômicas, polarizando, assim, os sujeitos em categorias alusivas à noção de centro e periferia, ou elite e povo. Os discursos ainda possibilitam a problematização sobre quem realmente teria direito à cidade que se prepara para ser a sede das Olimpíadas do ano de 2016. A cidade é de todos os sujeitos que moram naquele espaço, apesar das diferenças econômicas e sociais que os caracterizam? A cidade é dos turistas?

Em um nível mais amplo, relacionado a essas questões está a discussão do papel do Estado no que se refere ao processo de elaboração e implementação de políticas públicas sobre o espaço urbano. Aqui, as reflexões chamam para a consideração de que o processo de gestão urbana não é um processo baseado numa dita racionalidade sustentada pela adoção de modelos de gestão que pretendem, a todo tempo, o bem-estar da população. É preciso conservar o entendimento de que “gerir” por si só é uma prática social fundada em aspectos que não se restringem ao puramente técnico. O processo de gestão, de modo geral, e de gestão urbana, em específico, envolve disputas de poder, jogo de interesses dos sujeitos e de seus grupos. Nesse sentido, faz-se necessário redimensionar os discursos proferidos pelos sujeitos que representam o poder do Estado, discursos estes que reproduzem a lógica da revitalização dos espaços urbanos.

REFERÊNCIAS

- Barreira, I.A.F. (2003). A cidade no fluxo do tempo: Invenção do passado e patrimônio. *Sociologias*, Porto Alegre, 5(9), 314-339.
- Berger, P., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento* (24. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Boje, D. M., Oswick, C., & Ford, J. D. (2004). Language and organization: The doing of discourse. *Academy of Management Review*, 28(4), 571-577.
- Brandão, H. H. N. (2002). *Introdução à análise do discurso* (8. ed.). Campinas: UNICAMP.
- Calvino, I. (2002). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cidade Olímpica. (2014). *Porto Maravilha*. Recuperado de: <<http://www.cidadeolimpica.com.br/projetos/porto-maravilha/>>
- Chizzotti, A. (2011). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais* (4 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Fischer, T. (1997). A cidade como teia organizacional: Inovações, continuidades e ressonâncias culturais – Salvador, BA, cidade puzzle. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, 31(3) 74-88.
- Foucault, M. (2004). *A arqueologia do saber* (7 ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2002). Poder e saber. In M. Motta (Org.). *Michel Foucault: Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Godoi, C. K. (2006). Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. In C. K. Godoi, R. Bandeira-De-Mello, A. B. Silva. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva.
- Hardy, C., Palmer, I., & Phillips, N. (2000). Discourse as a strategic resource. *Human Relations*, 53(9), 1227-1248.
- Harvey, D. (1996). Do gerenciamento ao empresariamento: A transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Espaço & Debates*, (39), 48-64.
- Jacques, P. B. (2005). Errâncias urbanas: A arte de andar pela cidade. *ArquTexto*, 16-25.
- Leite, R. P. (2002). Contra-usos e espaço público: Notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 115-172.

- Mac-Allister, M. (2001). *Organização-cidade: Uma contribuição para ampliar a abordagem do objeto cidade como objeto de estudo no campo dos estudos organizacionais*. (Tese Doutorado em Administração). Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador).
- Maingueneau, D. (1998). *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Pesavento, S. J. (2007). Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, 27(53), 11-23.
- Porto Maravilha. (2014). *Porto Maravilha*. Recuperado de <<http://www.portomaravilha.com.br/>>
- Sánchez, F. (2001). A reinvenção das cidades na virada do século: Agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, 16, 31-49.
- Sánchez, F., Bienenstein, G., Canto, B. L., Guterman, B. C., Benecdito, D. B. M., & Picinatto, L. (2004). Produção de sentido e produção do espaço: Convergências discursivas nos grandes projetos urbanos. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, (107), 39-56.
- Saraiva, L. A. S. (2009). *Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: A indústria cultural em Itabira, Minas Gerais*. (Tese de Doutorado em Administração). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Spink, M. J., & Medrado, B. (1999). Produção de sentidos no cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. J. Spink. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.